

“Milei ganhou por medo de um desastre”

09 de novembro 2025 - 10:58

O economista de esquerda analisa as diversas explicações para um presidente com uma derrota política recente, acossado por escândalos, com um registo de ataques sociais profundos e com um economia à beira de um resgate ter vencido surpreendentemente recentes eleições intercalares. Sem esquecer o papel do peronismo e a esperança da esquerda.

Depois da vitória da extrema-direita nas recentes eleições legislativas intercalares argentinas, surgiram inúmeras conjecturas e diversas explicações, nenhuma das quais oferece um quadro claro do que se passou. Consultamos aqui o nosso camarada dos Economistas de Esquerda, Claudio Katz, autor de vários livros sobre assuntos latino-americanos, economia e geopolítica. Estas são as suas opiniões em conversa com Carlos Aznárez.

O que aconteceu nestas eleições?

Primeiro, os dados. Foi um triunfo contundente para um governo que parecia condenado ao fracasso. Pintaram o mapa eleitoral de violeta, conquistando 40% dos votos, e inverteram o resultado na Província de Buenos Aires, onde apenas 50 dias antes tinham perdido por 14 pontos percentuais. Nesta viragem, conquistaram eleitores que estiveram ausentes em setembro e os votos de outras opções conservadoras. Além disso, o partido no poder venceu na Cidade de Buenos Aires por 20 pontos percentuais, surpreendeu em Córdoba e Santa Fé e reafirmou o seu domínio em Mendoza. Em contrapartida, o peronismo mal conseguiu salvar alguma coisa nas províncias onde tradicionalmente detinha a maioria.

Argentina

Milei reforçado nas eleições intercalares

27 de outubro 2025

Existem muitas interpretações sobre o que aconteceu, mas, na minha opinião, há uma explicação central: o medo do colapso económico. Milei venceu por causa do medo de um desastre. Impôs-se devido à percepção generalizada de que, se a moeda se desvalorizasse no dia seguinte às eleições, seguir-se-ia um desastre económico. Vivemos numa sociedade com uma longa memória de tais colapsos,

e a população agiu por precaução, votando em candidatos conservadores. Optaram pelo mal menor, por manter o *status quo* perante um possível colapso.

Este cenário já era visível nas semanas anteriores?

Sim. O pânico em relação ao desastre económico era muito evidente em todos os dias anteriores de corrida cambial, com a sensação de que a inflação era iminente caso o dólar disparasse. Foi um paradoxo, pois o colapso económico do governo acabou por conduzir à sua salvação. O medo generalizado do caos prevaleceu.

Foi uma eleição marcada pela chantagem de Trump a pairar sobre as urnas. O magnata disse isto sem qualquer subtilidade: votem na Milei ou retiro a ajuda e tudo vai por água abaixo. Era uma ameaça direta. Anunciou que só apoiariam o dólar se o seu vassalo ganhasse as eleições, e a extorsão era clara: sem Milei, a economia vai colapsar.

O magnata disse isto sem qualquer subtilidade: votem em Milei ou retiro a ajuda e tudo vai por água abaixo. Foi uma ameaça direta. Anunciou que só apoiariam o dólar se o seu vassalo ganhasse as eleições, e a extorsão foi clara: sem Milei, a economia vai ruir.

Esta mensagem gerou o pânico total porque reacendeu o medo de um regresso a 2001, e entre as medidas de austeridade de Milei e este colapso, os eleitores optaram pela austeridade. Não foi uma escolha, mas uma chantagem, que o governo reforçou ao equiparar o regresso do peronismo a um desastre económico. Esse medo alastrou pela população.

Por isso, no dia seguinte, Trump reivindicou a vitória com razão. Declarou com todo o descaramento: “ganhámos”, e acrescentou: “ganhámos muito dinheiro”. E celebrou porque é o verdadeiro vencedor. Já começaram a ficar com a Argentina por muito pouco dinheiro.

Claudio Katz

Mas será essa a única explicação para o que aconteceu?

Penso que é a principal, porque as outras interpretações perdem de vista o essencial. Apontam para certos factos, mas não para os decisivos, e não explicam o mais surpreendente: a reviravolta em 50 dias. O governo parecia acabado, e depois foi ressuscitado, e estas mudanças devem-se a alterações no sentimento público, que as sondagens habitualmente geralmente não registam. É por isso que

ninguém previu o resultado. Havia três cenários: uma derrota grave, uma derrota menor e salvar a pele. A vitória de Milei era praticamente descartada, e mesmo assim aconteceu.

Acredito que as pessoas estão a viver na sua carne a profunda deterioração económica e social. Há um ajuste brutal em curso, e poucos se deixam enganar pelas mentiras oficiais ou pelos delírios de Milei. Também se pode ver com total nitidez as burlas com criptomoedas, os subornos de Carina e o escândalo de tráfico de droga de Espert. Tudo isto foi percebido, mas o medo do colapso económico era mais forte, e é por isso que a maioria dos eleitores preferiu não arriscar. O sustento de Trump e o medo popular determinaram o resultado.

Muitos analistas consideram, por outro lado, que o mais importante foi o reaparecimento do antiperonismo estrutural, a épica gorila e o ódio ao kirchnerismo, que revitalizaram aqueles 40% do eleitorado leais às opções conservadoras.

Acho que é preciso ter cuidado com este raciocínio. Vejo-o como estático. O elemento ideológico existe, mas tem um peso variável segundo os cenários políticos. É um dado genérico, que não impediu os longos períodos de governação sob Néstor, Cristina Kirchner e Alberto Fernández.

Também é frequentemente realçado que a divisão das eleições, à qual Cristina se opôs, foi decisiva porque desmobilizou efetivamente os autarcas, que perderam o interesse no resultado. Mas se se hierarquizar esse determinante ou a mudança para o boletim único, não se regista o dado central que foi a chantagem de Trump.

O mesmo se aplica à ideia de que o peronismo foi prejudicado pela multiplicidade de candidaturas nacionais e que por isso se ficou pelos 31% a nível nacional, um mínimo histórico. Mas a desastrosa administração de Alberto Fernández indica, na verdade, que o peronismo é, por vezes, mais afetado pela sua unidade do que pela sua fragmentação.

E como é que o enorme absentismo em massa afetou as coisas?

Penso que há um cansaço generalizado com a manipulação que introduzem tantas eleições provinciais ao gosto dos governadores. Manipulam as datas a seu bel-prazer e conveniência. Assiste-se a uma fadiga eleitoral, num ano que incluiu eleições provinciais em oito distritos, e este descontentamento foi um dos fatores determinantes do absentismo, que atingiu 66% do eleitorado. Foi o maior índice desde 1983. Mais de 12 milhões de argentinos aptos a votar não compareceram às urnas.

Muitos argumentos sociológicos e ideológicos estão a ser apresentados para explicar os resultados das eleições, pois a sociedade certamente mudou muito. Há mais individualismo, o crescimento da uberização, o capitalismo de plataforma e a penetração da ideologia neoliberal.

Mas estas mudanças não impediram a derrota de Milei em Buenos Aires no mês passado, nem a de Macri há seis anos. Também não impediram Lula, Petro ou Scheinman de ganharem eleições contra a direita em países tão importantes como o Brasil, a Colômbia e o México. Devemos ser cautelosos com certas generalizações, como a tese errônea de que o fascismo prevaleceu na Argentina.

Creio que, em circunstâncias adversas, devemos aprofundar e refinar a nossa análise política, evitando o mero desânimo ou a transferência inútil da culpa para toda a sociedade.

E a que conclusões chega a partir da sua avaliação dos resultados eleitorais?

Se nos concentrarmos no que aconteceu como chantagem que assustou o eleitorado, podemos tirar várias conclusões mais proveitosas do que o mero desencanto. A primeira é que foi um voto resignado. Não foi um voto entusiástico nem convicto. Milei celebra-o como uma ratificação popular, contabilizando apenas a aprovação de um em cada três argentinos. Obteve um voto passivo, receoso e, em grande parte, envergonhado.